

**Solange Aparecida de Souza Monteiro**  
**(Organizadora)**

# INQUIETAÇÕES E PROPOSITURAS NA FORMAÇÃO DOCENTE

**Atena**  
Editora  
Ano 2019

Solange Aparecida de Souza Monteiro  
(Organizadora)

# Inquietações e Proposituras na Formação Docente

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Natália Sandrini  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
158	<p>Inquietações e proposituras na formação docente [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-381-1 DOI 10.22533/at.ed.811191106</p> <p>1. Educação – Pesquisa – Brasil. 2. Professores – Formação. 3. Prática de ensino. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. CDD 370.71</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Não há Educação sem História. Não há História sem Memória Ciência, sem História e Memória. Quase sempre deforma. Vejo-me entre crianças, sentindo-me professor, num barracão de chão batido, coberto de palha, no fundo do quintal, de onde era minha casa, no meu sempre, no meu mundo, no meu tudo, Parintins... [...] Saibamos construir nossa história. Saibamos semear nas memórias Daqueles que estão Daqueles que ainda virão... O pouco que fazemos O pouco que pensamos. O pouco que sentimos. O pouco que vemos... Neste percurso Que falseia o espaço. Que falseia o tempo... Agora é a hora! Este é o momento! Que todos, avancemos! (Amarildo Menezes Gonzaga/2012). Se as coisas são inatingíveis... ora! Não é motivo para não querê-las... Que tristes os caminhos, se não fora a presença distante das estrelas! (Mário Quintana, 1951) O trecho extraído do poema “Das utopias”, de Mário Quintana, é um convite para mantermos viva a utopia, pois uma sociedade sem utopia é uma sociedade sem sonhos e esperanças. Entendemos que, para discutir essa questão, torna-se necessário, inicialmente, evidenciar a indiscutível importância do acervo de conhecimentos historicamente acumulados e sistematizados na orientação ou reorientação do fazer pedagógico. No momento atual, constatamos um processo contínuo de fluxo e refluxo, um movimento incessante que caracteriza não apenas o mundo físico, mas também os domínios educacionais, psicológicos, sociais, políticos e culturais presentes no mundo. Sendo assim, urge um repensar sobre fenômenos educacionais, uma vez que o contexto teórico existente e disponível se apresenta insuficiente para responder aos problemas mais prementes ou solucioná-los. Nesse sentido, novos debates, novas ideias, novas articulações, novas buscas e novas reconstruções, fundadas em novas concepções, ou seja, novas formas de pensamento revelam a maneira de olharmos a realidade como um todo e não como uma única forma de entendermos o mundo circundante, ante a insatisfação com os modelos predominantes de explicação para as questões emergentes no âmbito educacional. Em contraposição a essa prática, Freire (1997: 21) defende que a educação compreende um espaço privilegiado para se problematizar os condicionamentos históricos, partindo do pressuposto de que “somos seres condicionados mas não determinados; ou ainda que, a história é tempo de possibilidade, (...) o futuro é problemático e não inexorável”. Sendo assim, não podemos mais conceber que, na orientação da formação dos profissionais da área educacional, haja uma predominância de tendências paradigmáticas da educação, que tenham por finalidade principal o domínio por parte do futuro profissional de conhecimentos fechados, acabados, transmitidos através de uma metodologia que exacerba a aula expositiva como técnica de ensino e considera a prova como ferramenta para aprovar ou reprovar o aluno. Essa prática revela, por um lado, a ineficiência do ensino e, por outro, o lado cruel da escola, que, muitas vezes, penaliza os excluídos socioculturalmente, estigmatizando-os e aprofundando a distância entre prática profissional e produção do conhecimento científico. Em síntese,

a formação do professor deve ser compreendida para além do simples treinamento em destrezas, na perspectiva de torná-lo sujeito do processo de (re) construção do saber. No artigo (IN) DISCIPLINA: PERSPECTIVAS DOCENTES E DISCENTES NO ENSINO SUPERIOR, as autoras Aparecida Silvério ROSA e Fernanda Telles MÁRQUES buscam analisar comparativamente os entendimentos de alunos e de professores de um curso superior acerca da questão da indisciplina em referido nível de ensino. No artigo A ÉTICA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA, os autores Patrício Ceretta E Luiz Gilberto Kronbauer buscam tratar da importância da Ética na formação de professores, identificando espaços dedicados ao estudo de ética ao longo dos Cursos e refletindo sobre a incidência da Ética na prática docente. No artigo A MÚSICA E A FOTOGRAFIA COMO RECURSOS PEDAGÓGICOS NO ENSINO DE HISTÓRIA: UMA EXPERIÊNCIA NOS ANOS INICIAIS, as autoras Magda Miranda de Assís Cruz e Magda Madalena Peruzin Tuma buscam trazer uma experiência do Ensino de História local realizada em uma escola pública, que, como campo do Estágio Curricular Obrigatório nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (2016). No artigo A POLÍTICA DE INSTITUCIONALIZAÇÃO DE POLOS DE APOIO PRESENCIAL DA UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL, busca tratar da política de institucionalização de polos de apoio presencial do sistema Universidade Aberta do Brasil. No artigo APRENDENDO A PENSAR: FILOSOFAR A PARTIR DA LITERATURA, os autores Pâmela Bueno Costa e Samon Noyama buscam fazer uma provocação quanto a um tema legítimo da filosofia, que já foi motivo de especulação de filósofos na antiguidade grega e, com devido destaque, na filosofia europeia do final do século XVIII: a relação entre filosofia e literatura. No artigo AULA PRÁTICA DE GEOGRAFIA, HISTÓRIA, BIOLOGIA, ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA DO MATO GROSSO DO SUL: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA ALUNOS DO ENSINO MÉDIO E A IMPORTÂNCIA DA SALA DE AULA SEM PAREDES, as autoras Juliana Cristina Ribeiro da Silva e Patricia Helena Mirandola Garcia as autoras buscam apresentar o resultado de uma aula prática de Geografia, História, Biologia, Antropologia e Arqueologia do Mato Grosso do Sul realizada em um sítio arqueológico com figuras rupestres datadas de aproximadamente 3.000 anos. No artigo AUTOFORMAÇÃO DOCENTE E REFLEXÕES SOBRE VIVÊNCIAS ESCOLARES, as autoras Natália Lampert Batista, Tascieli Feltrin, Elsbeth Léia Spode Becker buscam refletir o processo dinâmico e inquietador de se autotransformar pela docência é algo complexo e extremamente necessário à atuação docente em suas diversas práticas, sejam elas coletivas, sociais ou subjetivas. No artigo CRIATIVIDADE E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ESTRATÉGIAS PARA O ENSINO SUPERIOR, as autoras Elisabeth Mary de Carvalho Baptista e Iracilde Maria de Moura Fé Lima, buscam propor estratégias para serem aplicadas em sala de aula, nas disciplinas dessa área, buscando possibilitar o desenvolvimento da criatividade dos alunos, contribuindo para uma maior eficiência do processo ensino- aprendizagem na construção do conhecimento. No artigo EDUCAÇÃO E MORALIDADE: PILARES PARA A FORMAÇÃO HUMANA SOB A PERSPECTIVA DO DISCURSO PEDAGÓGICO DA

MODERNIDADE À CONTEMPORANEIDADE, os autores Sônia Pinto De Albuquerque Melo e Elza Ferreira Santos buscam discutir sobre a educação e a moralidade postas como instrumentos importantes à formação humana, a partir do discurso pedagógico da Modernidade, Contemporaneidade, Oitocentos e século XX.

No artigo ENSINO DA LÍNGUA FRANCESA E POLÍTICAS PÚBLICAS, a autora Ana Paula Guedes, busca analisar como se compreende o resgate das decisões políticas acerca do ensino de língua estrangeira no Paraná e no Brasil. No artigo ENTRE SONS, LUZES E CORES: UM OLHAR SENSÍVEL DA PRÁTICA DOCENTE NO AMBIENTE MULTIETÁRIO DA UNIDADE DE EDUCAÇÃO INFANTIL IPÊ AMARELO as autoras Paula Adriana Rodrigues e Stéfani Martins Fernandes buscam relatar a experiência e o olhar de uma professora da Instituição por meio da prática desenvolvida e uma das suas vivências numa das turmas de multi-idade com crianças de um ano e meio a cinco anos e onze meses. No artigo FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: AÇÕES EXERCIDAS PELA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE LONDRINA, os autores Eromi Izabel Hummel e Mara Silvia Spurio buscam apresentar a formação dos professores que atuam no Atendimento Educacional Especializado (AEE) na Secretaria Municipal de Educação de Londrina. No artigo FORMAÇÃO DE PROFESSORES: O PIBID ENQUANTO POSSIBILIDADE DE APROXIMAÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA, os autores Leni Hack e Robson Alex Ferreira buscam apresentar as reflexões sobre a formação de professores/as de Educação Física e as possibilidades de aproximação entre a Universidade e as Escolas parceiras no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID. No artigo GINÁSTICA NA ESCOLA: INTERVENÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA NA VISÃO DOS BOLSISTAS PIBID, os autores Hitalo Cardoso Toledo, Jéssica Hernandes Vizu Silva, Ângela Pereira Teixeira Victoria Palma, buscam relatar a experiência do pibidiano/professor de Educação Física no ensino do conteúdo ginástica para estudantes do ensino fundamental I. No artigo JOGOS DE CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO, as autoras Nakita Ani Guckert Marquez e Dalva Maria Alves Godoy buscam apresentar algumas reflexões acerca da importância dos jogos de consciência fonológica para o processo inicial de alfabetização. No artigo METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO SUPERIOR: AVANÇOS E DESAFIOS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DOCENTE E NA APRENDIZAGEM DE ESTUDANTES, os autores Robinalva Ferreira, Marília Morosini, Pricila Kohls dos Santos, Luisa Cerdeira buscam analisar os avanços e desafios na prática pedagógica docente e na aprendizagem de estudantes universitários após a utilização de Metodologias Ativas (MAs), na percepção de professores. No artigo M-LEARNING E SALA DE AULA INVERTIDA: CONSTRUÇÃO DE UM MODELO PEDAGÓGICO (ML-SAI) os autores Ernane Rosa Martins e Luís Manuel Borges Gouveia, buscam apresentar uma proposta de um modelo pedagógico direcionado para atividades de m-learning (mobile learning), fundamentado na teoria da Sala de Aula Invertida (SAI), denominado de ML- SAI. No artigo O CARÁTER DIALÓGICO DO

PENSAMENTO REFLEXIVO, os autores Éllen Patrícia Alves Castilho e Darcísio Natal Muraro, buscam analisar, com base em John Dewey e Matthew Lipman, as relações entre diálogo e pensamento reflexivo na constituição do que chamamos de experiência de pensamento. No artigo O CARÁTER DIALÓGICO DO PENSAMENTO REFLEXIVO, os autores Éllen Patrícia Alves Castilho e Darcísio Natal Muraro, buscam analisar, com base em John Dewey e Matthew Lipman, as relações entre diálogo e pensamento reflexivo na constituição do que chamamos de experiência de pensamento. No artigo O ENSINO DE LÍNGUAS NO PROGRAMA DE ESCOLARIZAÇÃO HOSPITALAR DO PARANÁ (SAREH): DISCUSSÕES SOBRE CURRÍCULO, os autores Itamara Peters, Eliana Merlin Deganutti de Barros, buscam investigar as práticas de letramento escolar realizadas no SAREH. No artigo OS DESAFIOS E ENCANTAMENTOS DO ESTÁGIO DOCENTE DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO FUNDAMENTAL II, a autoras Analice dos Santos Lima e Luciene Maria Patriota buscam relatar, descrever e analisar, o estudo com o gênero História em Quadrinhos na sala de aula. No artigo POLÍTICAS EDUCACIONAIS E TRABALHO DOCENTE NA ESCOLA PÚBLICA: ELEMENTOS PARA PENSAR A ATUALIDADE DO TEMA NO BRASIL, a autora Susana Schneid Scherer, busca assinalar alguns reflexos das políticas educacionais em vigência sobre os docentes públicos escolares brasileiros. No artigo REFLEXOS DA FINANCEIRIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR PRIVADO PARA O TRABALHADOR DOCENTE, as autoras Rafaelle Sanches Cutrim e Denise Bessa Léda realizam um estudo em fase inicial sobre as repercussões da financeirização do ensino superior privado na dinâmica prazer e sofrimento do trabalhador docente, a partir de uma instituição de ensino superior pertencente a um grande conglomerado educacional no Maranhão. No artigo SIGNIFICADOS DOS PROCESSOS EDUCATIVOS: UMA ANÁLISE A PARTIR DO OLHAR DOS JOVENS a autora Mônica Tessaro realiza um recorte de minha pesquisa de Mestrado, sendo que o objetivo geral foi investigar em que medida os processos educativos desenvolvidos na escola favorecem a estruturação do foreground dos jovens estudantes do nono ano do Ensino Fundamental. No artigo TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: LIMITES E POSSIBILIDADES SOB O OLHAR DOS DOCENTES a autora Adriana dos Santos busca discutir sobre a utilização de TD no âmbito das práticas pedagógicas da disciplina de Educação Física Escolar. No artigo INQUIETUDES NO OLHAR DE GESTORES ESCOLARES SOBRE A EDUCAÇÃO SEXUAL os autores Solange Aparecida de Souza Monteiro, Paulo Rennes Marçal Ribeiro, João Guilherme de Carvalho Gattás Tannuri buscam com este estudo identificar a percepção de gestores de escolas públicas sobre a educação sexual em instituições públicas escolares. No artigo: ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA A PESSOA COM PARALISIA CEREBRAL: ADAPTAÇÕES QUE FAVORECEM O ACESSO AO TEXTO ESCRITO as autoras : Adriana Moreira de Souza Corrêa e Josefa Martins de Sousa constitui em uma pesquisa bibliográfica, com objetivo apresentar tecnologias de baixo custo que favorecem o trabalho do professor de Língua Portuguesa no ensino das pessoas com Paralisia Cerebral.

E no artigo: LITOTECA COMO FERRAMENTA DE ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA PROFISSIONALIZANTE os autores : Allan Charlles Mendes de Sousa, Marcos Bohrer, Cláudia Fátima Kuiawinski, Emilly Karine Ferreira e Gisele Canal Masier trata da apresentação de um projeto que propôs a construção de uma Litoteca - acervo catalogado de minerais e fragmentos de rochas - como uma ferramenta pedagógica a ser utilizada no curso técnico de Agropecuária integrado ao ensino médio do Instituto Federal Catarinense Campus Videira.

Solange Aparecida de Souza

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
(IN) DISCIPLINA: PERSPECTIVAS DOCENTES E DISCENTES no ENSINO SUPERIOR	
Aparecida Silvério Rosa Fernanda Telles Márques	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8111911061</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
A ÉTICA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Patrício Ceretta Luiz Gilberto Kronbauer	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8111911062</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>21</b>
A MÚSICA E A FOTOGRAFIA COMO RECURSOS PEDAGÓGICOS NO ENSINO DE HISTÓRIA: UMA EXPERIÊNCIA NOS ANOS INICIAIS	
Magda Miranda de Assis Cruz Magda Madalena Peruzin Tuma	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8111911063</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>32</b>
A POLÍTICA DE INSTITUCIONALIZAÇÃO DE POLOS DE APOIO PRESENCIAL DA UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL	
Tânia Barbosa Martins	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8111911064</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>45</b>
APRENDENDO A PENSAR: FILOSOFAR A PARTIR DA LITERATURA	
Pâmela Bueno Costa Samon Noyama	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8111911065</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>55</b>
AULA PRÁTICA DE GEOGRAFIA, HISTÓRIA, BIOLOGIA, ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA DO MATO GROSSO DO SUL: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA ALUNOS DO ENSINO MÉDIO E A IMPORTÂNCIA DA SALA DE AULA SEM PAREDES	
Juliana Cristina Ribeiro da Silva Patricia Helena Mirandola Garcia	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8111911066</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>67</b>
AUTOFORMAÇÃO DOCENTE E REFLEXÕES SOBRE VIVÊNCIAS ESCOLARES	
Natália Lampert Batista Tascieli Feltrin Elsbeth Léia Spode Becker	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8111911067</b>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>82</b>
CRIATIVIDADE E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ESTRATÉGIAS PARA O ENSINO SUPERIOR	
Elisabeth Mary de Carvalho Baptista Iracilde Maria de Moura Fé Lima	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8111911068</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>96</b>
EDUCAÇÃO E MORALIDADE: PILARES PARA A FORMAÇÃO HUMANA SOB A PERSPECTIVA DO DISCURSO PEDAGÓGICO DA MODERNIDADE À CONTEMPORANEIDADE	
Sônia Pinto De Albuquerque Melo Elza Ferreira Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8111911069</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>113</b>
ENSINO DA LÍNGUA FRANCESA E POLÍTICAS PÚBLICAS	
Ana Paula Guedes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81119110610</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>121</b>
ENTRE SONS, LUZES E CORES: UM OLHAR SENSÍVEL DA PRÁTICA DOCENTE NO AMBIENTE MULTIETÁRIO DA UNIDADE DE EDUCAÇÃO INFANTIL IPÊ AMARELO	
Paula Adriana Rodrigues Stéfani Martins Fernandes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81119110611</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>131</b>
FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: AÇÕES EXERCIDAS PELA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE LONDRINA	
Eromi Izabel Hummel Mara Silvia Spurio	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81119110612</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>144</b>
FORMAÇÃO DE PROFESSORES: O PIBID ENQUANTO POSSIBILIDADE DE APROXIMAÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA	
Leni Hack Robson Alex Ferreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81119110613</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>153</b>
GINÁSTICA NA ESCOLA: INTERVENÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA NA VISÃO DOS BOLSISTAS PIBID	
Hitalo Cardoso Toledo Jéssica Hernandez Vizu Silva Ângela Pereira Teixeira Victoria Palma	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81119110614</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>159</b>
JOGOS DE CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO	
Nakita Ani Guckert Marquez Dalva Maria Alves Godoy	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81119110615</b>	

<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>170</b>
METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO SUPERIOR: AVANÇOS E DESAFIOS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DOCENTE E NA APRENDIZAGEM DE ESTUDANTES	
Robinalva Ferreira Marília Morosini Pricila Kohls dos Santos Luisa Cerdeira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81119110616</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>184</b>
M-LEARNING E SALA DE AULA INVERTIDA: CONSTRUÇÃO DE UM MODELO PEDAGÓGICO (ML-SAI)	
Ernane Rosa Martins Luís Manuel Borges Gouveia	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81119110617</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>193</b>
O CARÁTER DIALÓGICO DO PENSAMENTO REFLEXIVO	
Éllen Patrícia Alves Castilho Darcísio Natal Muraro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81119110618</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>201</b>
O ENSINO DE LÍNGUAS NO PROGRAMA DE ESCOLARIZAÇÃO HOSPITALAR DO PARANÁ (SAREH): DISCUSSÕES SOBRE CURRÍCULO	
Itamara Peters Eliana Merlin Deganutti de Barros	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81119110619</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>215</b>
OS DESAFIOS E ENCANTAMENTOS DO ESTÁGIO DOCENTE DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO FUNDAMENTAL II	
Analice dos Santos Lima Luciene Maria Patriota	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81119110620</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>224</b>
POLÍTICAS EDUCACIONAIS E TRABALHO DOCENTE NA ESCOLA PÚBLICA: ELEMENTOS PARA PENSAR A ATUALIDADE DO TEMA NO BRASIL	
Susana Schneid Scherer	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81119110621</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>236</b>
REFLEXOS DA FINANCEIRIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR PRIVADO PARA O TRABALHADOR DOCENTE	
Rafaelle Sanches Cutrim Denise Bessa Léda	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81119110622</b>	

<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>250</b>
SIGNIFICADOS DOS PROCESSOS EDUCATIVOS: UMA ANÁLISE A PARTIR DO OLHAR DOS JOVENS	
Mônica Tessaro	
DOI 10.22533/at.ed.81119110623	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>264</b>
TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: LIMITES E POSSIBILIDADES SOB O OLHAR DOS DOCENTES	
Adriana dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.81119110624	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>276</b>
INQUIETUDES NO OLHAR DE GESTORES ESCOLARES SOBRE A EDUCAÇÃO SEXUAL	
Solange Aparecida de Souza Monteiro	
Paulo Rennes Marçal Ribeiro	
João Guilherme de Carvalho Gattás Tannuri	
DOI 10.22533/at.ed.81119110625	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>285</b>
ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA A PESSOA COM PARALISIA CEREBRAL: ADAPTAÇÕES QUE FAVORECEM O ACESSO AO TEXTO ESCRITO	
Adriana Moreira de Souza Corrêa	
Josefa Martins de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.81119110626	
<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>295</b>
LITOTECA COMO FERRAMENTA DE ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA PROFISSIONALIZANTE	
Allan Charles Mendes de Sousa	
Marcos Bohrer	
Cláudia Fátima Kuiawinski	
Emilly Karine Ferreira	
Gisele Canal Masiero	
DOI 10.22533/at.ed.81119110627	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>302</b>

## INQUIETUDES NO OLHAR DE GESTORES ESCOLARES SOBRE A EDUCAÇÃO SEXUAL

**Solange Aparecida de Souza Monteiro**  
**Paulo Rennes Marçal Ribeiro**  
**João Guilherme de Carvalho Gattás**  
**Tannuri**

### 1 | INTRODUÇÃO

A educação sexual deveria ser um processo básico e fundamental de aprendizagem da sexualidade podendo ocorrer em diferentes contextos ao longo do nosso desenvolvimento. Dessa forma, a sociedade contemporânea encontra-se informada da importância de uma abordagem acerca de questões referentes a sexualidade, principalmente na fase da adolescência, pois observa-se que nesse período ocorrem as transformações físicas e psicológicas que mobilizam a esfera emocional juvenil. Diante desse fato, o adolescente precisa receber informações e orientações acerca da anatomia e fisiologia do seu aparelho genital, além de métodos de prevenção de doenças e de contracepção (BRILHANTE; CATRIB, 2011).

A sexualidade em seu sentido amplo, abrangente é caracterizada como algo construído e apreendido socialmente. Compreende-se sua amplitude, e ainda sua complexidade, como algo essencial para o desenvolvimento da personalidade de um indivíduo, assim, à

educação sexual, enquanto processo educativo, envolve o despertar do sujeito, enquanto ser sexuado, objetivando de forma primordial o desenvolvimento psicosssexual da criança e do adolescente, visando à fase adulta. A prática da educação sexual pode e deve ajudar os jovens a se conhecerem, bem como a compreenderem e respeitarem-se (BRILHANTE; CATRIB, 2011).

Nesta perspectiva, surge a necessidade de promover, oferecer aos adolescentes essa educação e por meio, principalmente, das instituições escolares, uma vez que as buscas por informações dessa temática em serviços de saúde são baixíssimas.

No século XX, a saúde tornou-se alvo em instituições escolares no Brasil, a escola como veículo de articulação entre educação, saúde e sociedade, em âmbito escolar com enfoque na integralidade. A prática defendida e orientada pelo Ministério da Educação dentro dos Parâmetros Curriculares Nacionais refere que a saúde se encontre como um eixo transversal ao currículo escolar. As orientações consideram as instituições escolares parceiras da família e sociedade na promoção da saúde infanto-juvenil, encarregando a escola de uma corresponsabilidade de orientação do sujeito em todos os níveis de aprendizagem (DINIZ; OLIVEIRA; SCHALL, 2010).

“A sexualidade é um conceito amplo e histórico. Ela faz parte de todo ser humano e é representada de forma diversa dependendo da cultura e do momento histórico.” (Maia & Ribeiro, 2011, p.75). A sexualidade não é um conceito estático e imutável. Pelo contrário, sofre influências do tempo, do espaço e do movimento da sociedade; ou seja, a concepção de sexualidade é histórica. A sexualidade é constituída de múltiplos significados e envolve mitos, crenças, tabus preconceitos, comportamentos e concepções religiosas. Assim, a sexualidade é construída e desconstruída nas relações sociais, já que não é cristalizada e fixa, e sim vivenciada na transitoriedade e no movimento entre o tradicional e o moderno. De acordo com Maia e Ribeiro (2011), A sexualidade é um conceito amplo e histórico. Ela faz parte de todo ser humano e é representada de forma diversa dependendo da cultura e do momento histórico. A sexualidade tem componentes biológicos, psicológicos e sociais e ela se expressa em cada ser humano de modo particular, em sua subjetividade e, em modo objetivo, em padrões sociais que são aprendidos e apreendidos durante a socialização. (Pp.75-76).

Os Parametros Curriculares Nacionais (PCN), trouxeram alento as angústias e anseios presentes no ambiente escolar, como as demonstrações de afeto na hora do recreio e situações mais pessoais de contato e interação, configurando uma realidade que justifica o desenvolvimento de projetos pedagógicos de caráter sexual. A educação sexual é defendida por Para Maia e Ribeiro (2011) a educação sexual é também um apoio às atitudes, valores, que são elementos que representam as manifestações da sexualidade e condutas que são aprendidos e apreendidos nas famílias e nos grupos sociais, possuem componentes biológicos, psicológicos e sociais, é de natureza não intencional ocorrendo desde o nascimento até a nossa morte.

De acordo com Guimarães (1995), a escola ainda se mostra tradicional, conservadora e marcada por tabus que impedem que a “fala” sobre sexualidade seja feita de maneira tranquila e equilibrada. Esse recinto ainda não se posiciona de forma bem resolvida sobre o assunto, reproduzindo constrangimentos ao “falar sobre sexo”.

“Educação Sexual refere-se aos processos culturais contínuos, desde o nascimento que, de uma forma ou de outra, direcionam os indivíduos para diferentes atitudes e componentes ligados às manifestações de sua sexualidade. Essa educação é dada indiscriminadamente na família, na escola, no bairro com amigos, pela televisão, pelos jornais, pelas revistas. É a própria evolução da sociedade determinando os padrões sexuais de cada época e, conseqüentemente, a Educação Sexual que será levada ao indivíduo.” (Ribeiro, 1990, pp. 2-3).

Nesse sentido, o papel do gestor é essencial, por ser ele o norteador da instituição escolar. Laranja (2004) diz que o gestor deve conceber um grupo que atue na melhoria da escola, comprometendo-se com seu funcionamento adequado. O gestor deve, portanto, ser um líder dotado de competências e aptidões para estimular o grupo, por meio de ações arrojadas e de capacidade para reciclar suas próprias atitudes.

Neste contexto surgiram as seguintes questões: Quais são as ações realizadas pela escola relacionadas a educação sexual? Como a escola se articula com a família

para trabalhar as questões da educação sexual? Como os gestores compreendem a educação sexual na escola?

Dentro desse contexto, esses questionamentos levaram a necessidade de compreender as limitações e expectativas dos gestores escolares a respeito da educação sexual. Assim, objetivou-se identificar a percepção de gestores de escolas públicas sobre a educação sexual em instituições públicas escolares.

De acordo com Figueiró (1999), em suas práticas e convivência direta com professores, tem visto que eles vêm se defrontando com várias situações ligadas à manifestação da sexualidade, que necessitam de conhecimentos e habilidades específicas e, portanto, habilidades para saber aproveitar as oportunidades que surgem, a fim de ensinar a partir delas. Contudo, percebemos que, mesmo quando essa preocupação existe, os educadores acabam priorizando uma abordagem biológica da sexualidade. Essa perspectiva é importante, mas não suficiente para esclarecer todas as dúvidas relacionadas à sexualidade e suas múltiplas manifestações.

## 2 | A EDUCAÇÃO SEXUAL EM EVIDÊNCIA NA ESCOLA

A educação sexual faz parte do sistema de uma educação total sendo que esta educação sempre existiu em todas as sociedades, ciente ou não ciente, com objetivos definidos ou não, “assumindo características variadas, segundo a época e as culturas.” Werebe (1998, p.139).

Contudo, segundo o depoimento de uma das coordenadoras, os profissionais de saúde quase não iam à escola.

Eu acho que ainda tem muito o que se fazer, muito o que se fazer para a promover da saúde do aluno na escola. Principalmente em se tratando de prevenção de doenças sexualmente transmissíveis. Acho que ainda falta muito a gente fazer projetos em cima de (D1).

Então, a secretaria estadual de educação, também já tem um projetos e material de prevenção e saúde na escola. Dentro desse projeto eles tem uma programação, porém tem que entrar dentro do plano de aula do professor e seria interessante que os professores de ciências em parceria com outras disciplinas buscassem desenvolver projetos interdisciplinares(C1).

*Procuramos profissionais com qualificação na área de saúde e sexualidade para atender pontualmente problemas que surgem na escola, quando de repente estar tratando do tema, a gente convida. Quando tem também os programas que eles nos procuram, a gente abre o espaço para que isso seja feito (C2).*

Na nossa proposta pedagógica e nos nossos planos de ações, nesse foco, saúde e prevenção e essas ações contemplam a questão da prevenção, da orientação dos nossos alunos quanto questões que nos afetam (D1).

Os profissionais de saúde município, buscam mostrar um trabalho que eles estão fazendo, buscando tornar-se cultura de estar sempre aberto a novas experiências, palestras, a gente as vezes não tem nem que ir atrás, eles mesmo querem trazer a

palestra (D3).

*Como se trata de um grande desafio a temática educação sexual. Acho que hoje é um dos maiores desafios da escola. Buscamos articular com a saúde para que esse profissional venha para cá. Então planejamos no início do ano a semana da Diversidade que trata de temas, também que envolvem a sexualidade, o preconceito. (C1).*

*A secretaria de educação em conjunto com a secretaria de saúde que se articulam, e a escola sempre que convidada participa e eles sempre que agendam tem acesso a escola pra estarem realizando algum trabalho em relação ao tema saúde e sexualidade (C3).*

De acordo com Figueiró (2001), é necessário que os professores compreendam e reconheçam de que é função da escola ensinar sobre sexualidade para os alunos e, que esta venha acompanhada pela sensação de satisfação no que se está ensinando, tornando-a, assim, um trabalho entusiasta e não somente vinculando a problemas sociais, como a gravidez na adolescência e a contaminação por Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) e Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), mas pelo fato de que é função da escola fazer parte do processo de formação integral do aluno. Desta forma, concordamos com Werebe (1998) quando a autora diz que cabe ao educador criar um clima de segurança isento de constrangimentos, para que os alunos possam expor seus sentimentos, indecisões, intranquilidades, paradoxos e opiniões, sendo constantemente estimulados a discussões mais emancipatórias e a vivências mais prazerosas com o outro, consigo mesmas, com seus corpos e com seus prazeres.

### **3 | ENVOLVIMENTO DA FAMÍLIA NA ORIENTAÇÃO ACERCA DA SEXUALIDADE DOS ALUNOS**

A categoria conceitual envolvimento da família na orientação acerca da sexualidade dos alunos apareceu nos relatos dos diretores e coordenadores:

*A questão de trabalhar família, você sabe que é um discurso da escola que a família tem que está dentro da escola, mas esse discurso ainda está longe de acontecer. (D1).*

*A gente de todas as formas tenta trazer a família para a escola, mas acho que a escola ainda não se preparou ainda pra falar pra família sobre a educação sexual e ainda corremos o risco de entrar em uma seara que é da família e não é da escola e como podemos impor limites em relação ao tema dentro da escola? (D3).*

*Articular família e escola é muito difícil, conseguir trazer a família, mal conseguimos trazer a família para tratar de assuntos relacionados ao aluno, imagine quando a gente coloca outros assuntos. Então o que a gente faz sempre que possível em reuniões de pais, se a gente ver que tem uma temática para inserir sobre determinada coisa que está acontecendo na escola, abordamos (C3).*

Camargo e Ribeiro (1999) relatam que a educação sexual não é uma mera prática educacional, mas deve ser integrada ao currículo de cada proposta escolar, já que sua

estruturação e sistematização levam a uma percepção histórica e dualística do mundo. Ao analisar a história da educação sexual no século XX, percebemos momentos de conquistas e recuos.

Nessa perspectiva, Guimarães (1995) acerta ao afirmar que a história da educação sexual no Brasil se apresenta em “...movimentos isolados e esparsos, que ocorrem de um modo esporádico.” (p.68). Figueiró (2001) cita que as propostas escolares não são exclusivas de professores e filósofos de nosso século ou do século anterior, embora tenha sido naquela época em que emergiram com mais energia e nitidez.

A família e a escola possuem papéis diversificados, mas complementares, na orientação dos jovens, no entanto sem uma substituir a outra. A escola complementa o que é iniciado em sua casa, fechando lacunas, lutando contra os preconceitos, orientando o respeito pelo corpo e pelos sentimentos (FONSECA, 2004).

Assim, no ambiente escolar para uma melhor exploração dessa temática para os adolescentes é essencial que se desfaça de preconceitos e que exista um diálogo aberto, democrático e livre de coerções. Ressalta-se ainda que a família e profissionais da educação e/ou saúde devem abordar essa temática levando em conta as dimensões mais próximas do ser juvenil, aquelas ligadas à afetividade, autonomia, respeito. (COSTA et al., 2014).

Ribeiro (2004), por sua vez, defende que a educação sexual deve ser completa e emancipatória, questionando as noções e pressupostos pedagógicos que estão diluídos nos saberes sociais. Assim, o educador deve cooperar com uma busca de cidadania para todos.). Em alguns casos, ocorre a substituição do papel da família pela direção da escola, que atua como orientador das dúvidas e anseios dos alunos:

E eu acho que a gente precisa, enquanto escola de modo geral, sistema, ainda se preparar muito pra atender essa questão de como tratar com as famílias sobre educação sexual. Pra você ter uma ideia, as meninas aqui me procuram quando elas...o que elas têm que fazer pra saber se estão grávidas (D3).

Bom, além das reuniões mensais periódicas, que foca sobre todas as questões, essa é uma questão. Via esse acompanhamento, os problemas identificados mais graves de saúde, esses pais são chamados até a escola, existe acompanhamento individual também, pra gente fazer essa orientação e chegar com a família pra identificar (D1).

Apesar de serem os primeiros agentes de educação sexual, diversos estudos revelam que muitos pais confrontam-se com dificuldades e contradições em abordarem assuntos acerca de sexualidade para com seus filhos, muitas vezes devido a falta de conhecimento e dificuldade em usar um vocabulário adequado, evidenciando desconfortos de origem cultural e educacional (COSTA et al. 2014).

Gonçalves, Faleiro e Malafaia (2013) referenciam a importância de se implantar uma educação sexual emancipatória no contexto familiar e ainda escolar, para que os jovens se responsabilizem por seu corpo e sua sexualidade com comportamentos saudáveis, livres de culpas e medos. No entanto, tanto a escola quanto a família encontram-se em um papel de omissão, os pais por desconhecerem a melhor forma

de realizarem um diálogo aberto e verdadeiro com seus filhos, e a escola por não ter uma estrutura eficaz capaz de eliminar os anseios dos adolescentes diante dessa temática.

#### 4 | INQUIETAÇÕES NA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES PARA LIDAR COM A SEXUALIDADE DOS ALUNOS

Esta divisão conceitual é sempre, um embate. Foi relatado que, para os professores, tratar do assunto educação sexual com os estudantes é ainda limitador, inibidor, que existe ainda um certo pudor, que existe o medo, os tabus, receio e despreparo. Em contrapartida, alguns coordenadores e diretores acreditavam que os professores possuíam envolvimento total, sem nenhuma resistência, pois esses sempre buscavam um esclarecimento e um preparo.

É limitador, é muito inibidor. Os professores ainda têm um certo pudor de falar de algumas coisas. Não se fala, por exemplo, sobre essa questão do homossexualismo porque tem medo de magoar alguém, não se fala sobre a prostituição contra a mulher, e eles tem alguns tabus realmente, não se fala sobre masturbação porque não é confortável (D2).

Encontramos na escola, alguns professores tem mais facilidade. Uma maioria não tem e não quer e nem concordam em tratar do tema. Uma maioria ainda tem muito receio, pudor, despreparo, tem vergonha, não se sente à vontade com o tema em si. Por isso com alguns conseguimos elaborar propostas e com outros nem tratamos do assunto (C3).

As concepções dos professores heterogêneas. A cultura brasileira e religiosa, as questões de gênero e as habilidades desenvolvidas nas universidades, o tempo de serviço profissional e formação específica em educação sexual influenciam representações sociais e sistema de valores, ocasionando divergências, interrompendo o diálogo e práticas relacionadas a temática sexualidade, é preciso investimento na formação docente em relação à educação sexual.

Muitos professores ainda são resistentes com relação a abordagem educação sexual na escola. Eles entendem que não é papel da escola e sim da família quando eles se sentem meio inseguros de não dominar muito o assunto, alguns professores buscam se esclarecer e se prepararem (C2).

É importante que a escola esteja engajada na temática da educação sexual, os professores veem, assim como eu também, a importância que isso tem. Até pra gente poder, dentro da nossa própria escola, criar, e desenvolver princípios éticos necessários para bom andamento, e convivência no ambiente escolar, mesmo que todos não concordem (D2).

A *World Health Organization* (WHO, 2006) aborda a fundamental importância de uma formação específica para docentes nessa área, pois existe impacto de suas competências pessoais e profissionais na eficiência de projetos de educação sexual. Dessa forma, motivação para a temática, conforto na abordagem de assuntos referentes à sexualidade, facilidade na comunicação com os estudantes e

competências na utilização e implementação de métodos de ensino participativos são algumas características essenciais a boas práticas de ensino e orientação.

Ainda, segundo Dias (2013), possuir formação específica confere aos professores percepção de competência e conforto na abordagem das temáticas e favorece o seu envolvimento nas práticas de educação sexual.

## 5 | CONCLUSÃO

A partir das categorias temáticas percebeu-se que apesar dos desafios acerca da temática sexualidade existe pouca aderência de participação por parte dos profissionais que atuam na Escola, mesmo que não seja de forma constante, para promover a saúde sexual de adolescentes, bem como formação continuada dos próprios professores que sintam-se mais preparados e assim possa desenvolver projetos, rodas de conversa, palestras entre outras, contribuindo para desmistificar o tabu ainda persistente da educação sexual na escola.

Ribeiro (2004) esclarece que a sexualidade é aprendida ao longo da vida, por meio da religião, da mídia, dos livros, da sociedade inserida em um determinado tempo histórico. O autor diz que a sexualidade tem seu contexto social e está presente nos meios de comunicação, nas músicas, nos filmes, constituindo parte essencial do ser humano. Assim, compreende-se, a partir dos dados expostos, que os gestores têm uma ideia precisa de que as manifestações culturais influenciam as atitudes das crianças. No entanto, percebem as suas curiosidades sobre o corpo e que tais manifestações estão vinculadas à vida particular do aluno e às suas expressões da sexualidade, que, em grande medida, ocorrem no ambiente escolar.

Na esteira dessas concepções, Ferguson (1993) acrescenta que, enquanto não deixarmos de negar as falhas e não confessarmos nossa estupefação e alienação, não poderemos dar os próximos passos.

Guimarães (1995) aborda que a escola pode ser concebida de duas maneiras distintas, a saber: como um local para a promoção do ensino ou como o espelho dos jogos de poder nos quais está inserida. A esse respeito, Camargo e Ribeiro (1999) afirmam que, ainda hoje, impera nas escolas a separação de gêneros, idade e inteligência e, o educador ainda não foi deslocado do ponto central do processo de ensino.

Os gestores escolares compreendem a importância das ações com a temática sexualidade no âmbito escolar para o contexto dos adolescentes, consideram que essas são essenciais para o processo de tomada de decisões certas por parte desses frente a sexualidade, mas ainda devem ser ponderadas.

Conforme Ribeiro (1990), “o educador sexual deve, antes de qualquer coisa, acreditar em sua proposta, na necessidade de se levar para a sala de aula o debate sobre sexo e sexualidade.” (p.20). Assim sendo, é

... necessário que o educador tenha acesso à formação específica para tratar de sexualidade com crianças e jovens na escola, possibilitando a construção de uma postura profissional e consciente no trato desse tema. Os professores necessitam entrar em contato com suas próprias dificuldades diante do tema, com questões teóricas, leituras e discussões referentes à sexualidade e suas diferentes abordagens; preparar-se para a intervenção prática junto aos alunos e ter acesso a um espaço grupal de produção de conhecimento a partir dessa prática, se possível contando com assessoria especializada. (PCN, 1997, p.303).

Destaca-se ainda dentro dessa percepção o importante envolvimento familiar diante da orientação acerca da sexualidade, observando que escola e família devem caminhar juntas em relação a essa temática para que evite divergências de discursos e atitudes.

O gestor escolar deve estar atento a todos os tipos de demanda no ambiente escolar, como, por exemplo, as demonstrações de sexualidade que envolvam os educandos. Por isso, deve continuamente dialogar com os educadores sob sua liderança a respeito de alternativas que possam vir ao encontro das necessidades da instituição e dos alunos.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. Saúde na Escola. Brasília: Ministério da Saúde; 2009.

BRASIL. Presidência da República. Poder Executivo. Decreto nº 6.286, de 5 de dezembro de 2007. Institui o Programa Saúde na Escola - PSE, e dá outras providências. Diário Oficial da União. 2007; 5 dez.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução 466 de 12 de dezembro de 2012. Diário Oficial da União Nº 12. Seção 1. Página 59. 13 de junho de 2013.

COSTA, M. A. et al. Fatores que obstam na comunicação entre pais e filhos adolescentes sobre sexualidade. Rev Enferm UFSM, v. 4, n. 1, jan./mar., p. 123-132, 2014.

DINIZ, M. C. P; OLIVEIRA, T. C; SCHALL, V. T. Saúde como compreensão de vida”: avaliação para inovação na educação em saúde para o ensino fundamental. Rev. Ensaio, Belo Horizonte, v.12, n.1, p.119-144, jan-abr., 2010.

FERREIRA; I.R.C. et al. Diplomas Normativos do Programa Saúde na Escola: análise de conteúdo associada à ferramenta ATLAS TI. Ciência & Saúde Coletiva, v. 17, n. 1, p. 3385-3398, 2012. DOI: 10.1590/S1413-81232012001200023

FIGUEIREDO, T. A. M; MACHADO, V. L. T; ABREU, M. M. S. A saúde na escola: um breve resgate histórico. Ciência & Saúde Coletiva. v. 15, n. 2, p. 397-402, 2010.

FONSECA, H. Abordagem Sistêmica em Saúde dos Adolescentes e suas famílias. Rev Adolescência e Saúde da UERJ. v. 1, n. 3, p. 6-11, 2004.

GUIMARÃES, I. (1995). Educação sexual na escola: Mito ou realidade (Coleções Dimensões da Sexualidade). Campinas, SP: Mercado das Letras.

GONÇALVES, R.C; FALEIRO, J.H.; MALAFAIA, G. Educação sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios. HOLOS. v. 5, ano 29, p. 251-263. 2013.

IPPOLITO-SHEPHERD J. A promoção da saúde no âmbito escolar: a iniciativa regional escolas promotoras de saúde. In: Sociedade Brasileira de Pediatria. Escola promotora de saúde. Brasília: Sociedade Brasileira de Pediatria; 2003.

MAIA, A. C. B. (2003). Sexualidade e deficiências no contexto escolar. Tese de Doutorado em Educação, Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, SP, Brasil.  
Maia, A. C. B., & Ribeiro, P. R. M. (2011). Educação sexual: princípios para ação. *Doxa: Revista Brasileira de Psicologia e Educação*, 15(1), pp.75-84.

RIBEIRO, P. R. M. (1990). Educação sexual além da informação. São Paulo: E.P.U. Ribeiro, C. (1996). A fala da criança sobre sexualidade humana: O dito, o explícito e o oculto. Campinas, SP: Mercado de Letras. Ribeiro, P. R. M. (2002). Sexualidade e educação sexual: Apontamento para uma reflexão (Série Temas em Educação Escolar, n. 4). São Paulo: Cultural Acadêmica.

RIBEIRO, P. R. M. (ORG.). (2004). Sexualidade e educação: Aproximações necessárias. São Paulo: Arte & Ciências.

QUIRINO, G. S.; ROCHA, J. B. T. Sexualidade e educação sexual na percepção docente. *Educar em Revista, Curitiba*. n. 43, p. 205-224, jan./mar. 2012.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-381-1

